
CIÊNCIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA: HÁ DIFERENÇA DE PROPÓSITOS EXPLICATIVOS?

ROBSON STIGAR¹

VALÉRIA ROCHA TORRES²

VANESSA ROBERTA MASSAMBANI RUTHES³

Resumo / Abstract

⊙ O presente artigo esclarece se há diferença de propósitos explicativos entre a Ciência da Religião e a Teologia, visto que, até pouco tempo, ainda na Idade Moderna, a Teologia apresentava-se como a única autoridade frente aos assuntos religiosos. Contudo, tanto a Teologia quanto a Ciência da Religião possuem, no mundo acadêmico, uma função em comum: a de um regulador crítico. Porém, desde o surgimento da Ciência da Religião, a sua relação com a Teologia não é harmoniosa, pois ambas buscam espaço tanto no ambiente acadêmico quanto no meio profissional, cada qual defendendo a sua área de atuação, sem abrir mão da sua epistemologia.

Palavras Chave: Ciência da religião; Dialética; Teologia.

⊙ This article clarifies whether there are differences of explanatory purposes between the Science of Religion and Theology, since, until recently, even in the modern age, Theology has been presented as the only authority in religious matters. However, both the Theology and the Science of Religion play in the academic world a common function as a *critical regulator*. However, since the emergence of the Science of Religion, its relationship with Theology is not harmonious because

.....

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: robsonstigar@hotmail.com

² Doutoranda em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: valeriarochatorres@gmail.com

³ Doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: vanessa_ruthes@yahoo.com.br

both seek space in academy as well as in professional environment, each defending their area, without giving up its epistemology.

Keywords: Science of Religion; Dialectic; Theology.

Este artigo é um ensaio explicativo sobre a relação entre a Ciência da Religião e a Teologia. Não temos a intenção de esgotar o assunto, visto que essa relação é por demais complexa e ampla, e pode ser, inclusive, uma temática abordada no período de uma disciplina semestral para um programa de pós-graduação.

Desde o surgimento da Ciência da Religião, sua relação com a Teologia não é harmoniosa, pois ambas buscam um espaço tanto no ambiente acadêmico quanto no meio profissional, cada qual defendendo a sua área de atuação, sem abrir mão da sua epistemologia.

O diálogo entre Teologia e Ciência da Religião talvez seja ainda mais delicado. A depender das posições assumidas, isso ocorre por razões políticas e pela distância, por vezes insuperável, dos seus respectivos pressupostos e métodos. Porém, existe a possibilidade de redimensionar o escopo da ciência teológica a partir da perspectiva no qual seu discurso se formula e, neste caso, é a academia.

Para alcançarmos consenso ou neutralidade acadêmica, é necessário um estudo mais detalhado sobre cada uma dessas disciplinas, pois a partir desses conceitos epistemológicos poderemos concluir se existe diferença de propósitos explicativos entre as duas áreas do conhecimento.

140

DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

O conceito de Ciência da Religião foi apresentado, a princípio, pelo filólogo e indólogo Max Müller (1823- 1900), considerado como o pai da disciplina por ser o fundador dessa área acadêmica. A área, por sua vez, é considerada como interdisciplinar por envolver outras disciplinas que serão posteriormente denominadas de subdisciplinas ou subáreas.

Müller concebia a Ciência da Religião como uma disciplina comparativa que busca pelo conhecimento das religiões. Em relação à Ciência da Religião, é permitido dizer que, diante do seu objeto, sua base científica não permite atitudes teológicas, confessionais e dogmáticas. Segundo Hock (2010), a Ciência da Religião é uma disciplina empírica que investiga sistematicamente a religião em todas as suas manifestações e fenômenos. Um fator importante para sua caracterização é o compromisso de seus representantes com o ideal da neutralidade frente aos objetos de estudo. Em outras palavras, não se questiona a “verdade” ou a “qualidade” de uma religião. Do pon-



to de vista metodológico, religiões são “sistemas de sentido formalmente idênticos”. É especificamente esse princípio que distingue a Ciência da Religião da Teologia.

O campo de conhecimento da Ciência da Religião é interdisciplinar e recebe colaborações teóricas de diversas áreas do conhecimento: história, sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, linguística, teologia etc., sendo necessário um recorte epistemológico e metodológico em busca de uma hermenêutica com o foco em seu objetivo principal.

A sociologia da religião ocupa-se das relações recíprocas entre religião, sociedade e política. A psicologia da religião dedica-se a processos religiosos que compreendam as peculiaridades do elemento psíquico. A geografia das religiões investiga as relações entre religião e espaço, seja físico ou cultural. A teologia também fará parte do escopo desde que se redefina metodologicamente e não se limite à exposição de uma doutrina religiosa.

As dificuldades nesta área se iniciam com nomenclatura: “Ciência da Religião”, “Ciências da Religião”, “Ciências das Religiões”. Cada um desses termos possui uma epistemologia própria, e não existe consenso a esse respeito no meio acadêmico.

Em suma, a Ciência da Religião, em sentido unívoco, visa a captar a especificidade da religião. Com base em um “método unificador”, busca-se um referencial único que perpassa toda a área do conhecimento denominada de fenômeno religioso.

Já as Ciências da Religião pode ser entendida como um “campo disciplinar”, com uma estrutura mais dinâmica e uma abertura para a diversidade metodológica, onde se privilegia a pluralidade, um leque de disciplinas auxiliares.

Segundo Azevedo (2010), para superar as comparações com a Teologia e com a Filosofia, as Ciências da Religião tiveram de enfrentar os mesmos problemas que outras ciências, como a sociologia, a antropologia e a psicologia, até conquistar seu espaço no meio científico. Essa autonomia, no entanto, só pode ser estabelecida mediante a formulação de seu objeto de pesquisa, diferente daquele que a Teologia elege para si. Estabeleceu-se, então, o escopo das Ciências da Religião.

Filoramo e Prandi (1999), a respeito das Ciências da Religião no livro *As ciências das religiões*, como o título sugere, observam que não se trata de uma só Ciência das Religiões, mas de um conjunto delas. Assim, elas são inseridas no conjunto da especulação teológica e fenomenológica, nas escolas histórico-religiosas, escolas sociológicas clássicas e contemporâneas, escolas psicológicas clássicas e contemporâneas, escolas antropológicas e outras escolas e disciplinas relevantes para a compreensão do objeto de estudo.

Para Filoramo e Prandi (1999, p. 14) ainda há muito para ser debatido nessa área: “As perguntas sobre o estatuto epistemológico, sobre os seus méto-

dos, sobre seus objetivos, ainda estão longe, depois de um século de debates, de encontrar uma resposta exaustiva, convincente e unânime.”

Para Greschat (2005), os cientistas da religião possuem certa liberdade acadêmica e científica, “não prestam um serviço institucional, como os teólogos”, “não são comandados por nenhum bispo, nem obrigados a dar satisfação a nenhuma instância superior”. Assim, os cientistas da religião gozam de um arco potencialmente ilimitado na hora de escolher o seu objeto de estudo, ao qual se dedicarão com afinco, podendo apenas ser constrangidos e limitados pela própria incompetência.

O objetivo da Ciência da Religião é estruturar um inventário especializado, o mais abrangente possível. Para tal, espera-se do cientista da religião uma suspensão de juízo, também chamada de “ateísmo metodológico”, que deixe sua crença pessoal entre parênteses. Em outras palavras, espera-se um compromisso ético-científico do pesquisador para com o objeto.

DA TEOLOGIA

142

Segundo Lacoste (2004), Teologia é a reflexão ou especulação acerca da realidade última que parte dos dados oferecidos por determinada tradição espiritual. Ela poderá, ou não, chegar à adoração da realidade afirmada. Entretanto, Paul Tillich tem a Teologia como ciência normativa da religião.

De acordo com Moltmann (2005), a Teologia possui um só problema: Deus. A Teologia não pretende ser uma ciência objetiva, mas apresenta-se como um saber existencial; a Teologia cristã, em específico, é uma Teologia do Reino de Deus.

A Teologia, enquanto disciplina, está apta para pesquisar, definir, averiguar e entender todos os fatos hermenêuticos, colocações teológicas, palestras, ensinamentos e demais considerações em relação à interpretação das Escrituras em qualquer cultura religiosa. Sua preocupação é garantir interpretações corretas dos escritos sagrados.

A Teologia, embora possa questionar dados ou interpretações comunicadas pela tradição, não questiona a tradição em si. Ela admite como premissa de sua reflexão ser a tradição uma doadora de sentido consistente. Isto é, a tradição representa uma fonte com chance de ser verdadeira por remontar a um conjunto coerente de testemunhas referenciais, por sua vez conectadas a uma origem ontológica presumida.

A Teologia problematiza o fenômeno religioso, analisa o caráter histórico do tema da construção do humano – dos valores, do sagrado e do discurso



teológico – a partir de uma fundamentação baseada nos referências teóricos do dogma e da fé (vínculo do homem com o sagrado ou transcendente).

Para Greschat (2005), os teólogos investigam a religião à qual pertencem; os cientistas da religião, geralmente, se ocupam de outra que não a própria. O teólogo tem o objetivo de proteger e enriquecer sua tradição religiosa, ou seja, tem um interesse religioso e não propriamente científico. Segundo esse autor, os teólogos estudam uma religião alheia a partir da própria fé, tomando a própria religião como referência. Com seus critérios, avaliarão se os demais sistemas são “mais próximos” ou “mais distantes” de sua própria tradição.

Do teólogo se exige uma suspensão do ateísmo, um “teísmo” metodológico – que deixe sua eventual descrença pessoal entre parênteses e pressuponha a via mística ou a espiritualidade como condutoras de autoconhecimento e de inteligência da raiz ontológica da realidade.

Além disso, existe outra concepção de Teologia que ganha espaço no meio acadêmico e merece atenção, a Teologia Pública. Segundo Sinner (2012), a Teologia Pública analisa, interpreta e avalia a presença da religião, neste caso da religião cristã, no espaço público. Ou seja, ela questiona a relação entre a Teologia e a sociedade civil e não apenas sua relação com a sociedade religiosa.

Junqueira (2014) acrescenta que a Teologia Pública tem a função de fornecer meios para que a comunidade obtenha maior participação na sociedade, renovando, instruindo e ampliando horizontes para além da confessionalidade e dos problemas corriqueiros de uma comunidade religiosa. Para tal, caracterizam-se diálogo e convergência (*gênero*), estruturas da sociedade (*problemática*), universidade, sociedade e igreja (*destinatários*) e outros saberes (*mediações*).

Com essa perspectiva, pretende-se que a Teologia Pública contribua para essa reflexão, ao passo que ganha espaço a partir da concepção de cidadania. Para tanto, é fundamental existir uma profunda discussão sobre o papel das diferentes manifestações religiosas no país, pois há diferentes concepções entre igreja e sociedade.

Além disso, Junqueira (2014) alega que a Teologia Pública possui uma abordagem dialógica, cooperativa e construtiva. Essa abordagem demanda compreensão de questões desafiadoras, tanto pessoais quanto comunitárias. Portanto, tematiza o pluralismo religioso e a presença das comunidades religiosas no espaço público, com seus direitos e deveres no âmbito da liberdade religiosa no Estado secular de direito.

Junqueira (2014) conclui que os pesquisadores envolvidos com a Teologia Pública estão atualizados a respeito de diversas discussões, até mesmo com uma corrente teológica específica, que propõe abrir e articular ativamente os debates na esfera pública da sociedade e da academia e explicar a relevância da Teologia Pública

e da fé crista. Nessa perspectiva, a reflexão teológica no diálogo com as áreas da ciência, cultura e religião está atenta aos desafios e possibilidades da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, bem como na vida eclesial dos dias de hoje.

Segundo Ford (2005), a palavra “Teologia” comporta muitos significados e aproximações conotativas, tais como “pensamento religioso”, “filosofia religiosa”, além de vários termos técnicos com foco no ensino e na dimensão deliberativa de determinadas religiões, chegando algumas vezes a assumir o significado de “sabedoria”. O autor também faz uma indicação ao próprio termo “Teologia”. De acordo com ele, o nome não é utilizado em todas as tradições religiosas e pode ser rejeitado por algumas tradições; por isso, é um termo que deve ser pensado a partir de sua historicidade.

De acordo com Ford, na verdade, a sabedoria (embora em si uma ideia complexa com diferentes significados e termos análogos em diferentes tradições) é talvez o termo mais abrangente e menos controverso para definir a Teologia. “Sabedoria” pode abraçar significados como descrever, compreender, explicar, conhecer e decidir, não apenas em relação a assuntos empíricos, mas também em relação aos valores, normas, crenças, a fim de edificar vidas, comunidades e instituições.

144

Ademais, o mesmo autor explica que existem inúmeras tradições teológicas que se originaram em outras partes do mundo, além da Europa. Algumas, inclusive, que representam importantes ramos de estudo dentro das universidades contemporâneas. Porém, neste estudo, a Teologia será retratada dentro de suas características acadêmicas como um campo de estudo que gerou a chamada Ciência da Religião ou as Ciências da Religiões.

Nessa tradição, como será analisada, a Teologia é uma disciplina inentemente polêmica por causa de seu tema, história, relação com outras disciplinas sobre questões religiosas e por causa da natureza das universidades que lhes dão suporte. A Teologia acadêmica se distingue de Teologia em geral, principalmente por sua relação com as várias disciplinas da academia.

Assim, uma definição preliminar para Teologia acadêmica é que ela busca a sabedoria e a compreensão de questões como: verdade, beleza e prática, que são levantadas *por, sobre e entre* as religiões. Essas questões são levantadas por meio da relação com uma gama de disciplinas acadêmicas.

No entanto, antes de abordarmos as questões apontadas acima, é necessário considerar a própria definição de “religião”, que também é um conceito contestado. Mesmo assim, para efeitos deste artigo, é suficiente identificar a religião de forma não técnica, por meio de uma série de exemplos geralmente aceitos. Dessa forma, o termo “religião” inclui formas que moldam a vida hu-



mana em comunidades e tradições associadas, como o exemplo do budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo.

Essa não é uma definição exclusiva; ela limita o âmbito de referência do presente estudo, permitindo que muito do que irá ser tratado possa ser aplicado a outros casos de religião e às suas tradições (tais como culturas, escolas filosóficas, ou visão de mundo secular e modos de vida), que não podem ser incluídos em uma definição específica de religião.

A Teologia das comunidades de fé tem por princípio e prioridade o ensino-aprendizagem, a transmissão do conhecimento, a interpretação dos textos fundamentais para sua fé, a instrução na tradição, orações, ética e moral. No entanto, essas práticas não se restringem necessariamente à manutenção da tradição e, como qualquer outra expressão de conhecimento, está sujeita a conflitos, divisões, reinterpretções de toda ordem colocadas nos processos históricos de tais vivências.

Além disso, não somente aqueles que experimentam tais vivências de comunidade de fé estão sujeitos a essas questões. Comunidades de fé estão inseridas em contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, e seus membros são sujeitos sociais. Sendo assim, inúmeros aspectos da vida social estão permeados pelo pensamento teológico e suas inúmeras expressões implícitas ou explícitas.

DA RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE A CIÊNCIA DA RELIGIÃO E A TEOLOGIA

Segundo Dreher (2011), o reconhecimento de que existe uma relação dialética e de pertencimento mútuo entre a Teologia e a Ciência da Religião, desde as origens históricas, ajudaria a minimizar as tensões existentes entre Ciência da Religião e Teologia.

Até pouco tempo atrás, ainda na Idade Moderna, a Teologia apresentava-se como a única autoridade frente aos assuntos religiosos. Foi com o Iluminismo que esse paradigma começou a ser rompido. Entretanto, até os dias de hoje, as arestas precisam ser aparadas.

Moltmann (2005) fala a respeito da necessidade que o mundo atual possui de uma nova Teologia Universal. Ela deveria ser acessível, de modo natural, a qualquer um, seja cristão, ateu, judeu ou budista. Entretanto, essa Teologia Universal é questionável: será que ela é mesmo uma disciplina possível?

Se a Ciência da Religião é uma disciplina para a pesquisa acadêmica da religião, a resposta para Jürgen Moltmann é negativa. Ele argumenta que não há sentido para uma reflexão teológica se podemos ampliar

o universo para o fenômeno religioso, já que o universo religioso é mais amplo do que uma determinada religião.

Porém, se entendemos a dimensão espiritual como indispensável para a formação integral das pessoas, temos a obrigação de garantir um espaço teológico no lugar e/ou em conjunto com a Ciência da Religião, tanto no ambiente escolar quanto universitário, trabalhando na formação holística do cidadão.

Gisel (1999) argumenta que a Teologia compartilha com a Ciência da Religião pelo menos três focos de interesse: a referência ao absoluto (transcendente, último ou sagrado); a referência ao simbólico e ao ritual; e a referência aos lugares de pertença, de tradição e de experiência.

Segundo Higuier (2006), para que a Teologia seja assumida como um dos campos de conhecimento da Ciência da Religião, ela deve repensar o seu lado normativo, pois não poderia instrumentalizar os estudos de religião para “provar” a superioridade da fé.

Teixeira (2001) afirma que a Teologia tem um lugar garantido na Ciência da Religião, sobretudo quando entendida em sua perspectiva pública. A Teologia pode e deve ocupar o seu lugar de disciplina acadêmica na universidade. Para tanto, ela necessita, porém, de “liberdade institucional frente à igreja, assim como de um lugar no espaço público das ciências”.

Teixeira (2001) argumenta que a Teologia é convocada a romper com o seu entrenchamento na comunidade de fé e deixar-se provocar pelos desafios atuais, interessando-se pelos grandes temas que se relacionam com o bem comum da sociedade e da comunidade humana.

Teixeira (2001) acrescenta que a Teologia precisa de liberdade acadêmica para o exercício hermenêutico criativo. Precisa de abertura e despojamento para se deixar interrogar pelos desafios da ciência. E, ainda, reforçar o seu espírito crítico, capaz de reagir a determinados paradigmas em curso na modernidade pós-tradicional.

Segundo Azevedo (2010), a própria teologia afirma que não é ciência de Deus, porque não existe tal ciência. Na opinião desse autor, se a Teologia quiser ser ciência e fazer parte da academia, só poderá ser enquanto Ciência da Religião; no mais, a Teologia também não pode ser entendida como ciência pois seu objeto principal é a fé e a revelação.

Mendonça (2004) declara que o objeto da Teologia e das Ciências da Religião não é o mesmo. O objeto da Teologia é Deus, a fé, a revelação. Ele acrescenta as Ciências da Religião não estudam Deus, mas suas formas de expressão, em resumo, nas pessoas e na cultura. Nesse ponto, as Ciências da Religião se distinguem da Teologia, porque não cogitam de questões a



respeito de Deus, como sua existência e natureza. Estudam efeitos e não causa (MENDONÇA, 2004, p. 23).

Dierken (2009) nota que a Teologia e a Ciência da Religião não servem, uma para a outra como substituta; elas tampouco se complementam de modo meramente exterior, pois ambas têm em sua lógica própria, um termo que mantém aberto o lugar para aquilo que se situa do outro lado.

É justamente por isso que fórmulas como “teologia ou ciência da religião”, mas também “teologia como ciência da religião” são desacertadas, por mais que possam ser postas na mesa em nível político ou jornalístico. Faz mais sentido uma relação sensata que respeite a *dialética cheia de tensões* entre ambas as disciplinas e suas lógicas, e que estabeleça aquela dialética de modo duradouro no discurso.

Para Usarski (2007), faz-se necessário distinguir entre a Ciência da Religião e a Teologia, “não para separar, mas para poder possibilitar um intercâmbio cada um sabendo desde que lugar epistemológico, desde qual corpo teórico e pressupostos está falando”. A necessidade de alcançar o fenômeno religioso da maneira mais vasta possível demonstra que seu estudo não pode ser tutelado pela teologia ou pela filosofia, pois o fenômeno religioso instiga e suscita curiosidade nas mais variadas ciências e áreas de conhecimento.

Entretanto, Soares (2008) afirma que é necessário estabelecer um diálogo, entre o teólogo e o cientista da religião. Segundo ele, desde o estabelecimento da Ciência da Religião na academia, as relações com a Teologia não são harmoniosas. A Teologia sente-se desafiada pela Ciência da Religião, que se impõe como legítima na abordagem científica do fato religioso, porém, a divergência está no método. Se a Teologia for universal, ela se abre para a Ciência da Religião; se for confessional, permanece dogmática, e o que resta é dialogar.

Filoramo e Prandi (1999) escrevem que as Ciências das Religiões não constituem uma disciplina à parte, fundada na tradição hermeneuticamente orientada, na unidade do objeto (a religião) e na unidade do método (a compreensão hermenêutica). Antes, ela é um campo disciplinar e, como tal, uma estrutura aberta e dinâmica, diferentemente da Teologia, que possui uma estrutura fechada em seu objeto.

A Teologia tem razões para distinguir sua produção de conhecimento da Ciência da Religião, bem como a Ciência da Religião tem razões para estar separada da Teologia. Existem defensores da integração que se recusam a aceitar essa separação. Vamos considerar cada conjunto de razões, por sua vez, apesar de reconhecermos que existem também aqueles que interpretam as razões em um ou ambos os



lados, como racionalizações de interesses religiosos, políticos ou econômicos com a intenção de manter ou ganhar poder e influência.

As razões para que a Teologia separe seu campo de conhecimento da Ciência da Religião são três, que se relacionam:

1. Em primeiro lugar, especialmente nas religiões abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo), existe o compromisso com Deus, com o seu conhecimento e com a fé, que move o compromisso da Teologia. Se a Teologia é conhecer a Deus, e conhecer a Deus depende de responder com fé e obediência (ou em alguma outra forma de autoenvolvimento prático) à iniciativa de Deus, então, certamente, aqueles que não são crentes não podem fazer teologia;
2. Em segundo lugar, existe a relação entre a Teologia a comunidade de sua tradição. Se uma Teologia particular está intrinsecamente ligada a uma comunidade particular, então, o conhecimento só pode ser prosseguido no contexto dessa comunidade;
3. Em terceiro lugar, existe alguma suspeita teológica a respeito da própria categoria de “religião”. Considerando que, por exemplo, Deus, na tradição judaica, cristã ou muçulmana, pode ser entendido como transcende, toda a criação, e a religião por sua vez, é entendida como um domínio da existência humana.

Na verdade, de acordo com Ford, temos que levar em consideração que o termo “religião” dever ser melhor compreendido, tendo em vista que o pensamento iluminista “criou” o sentido moderno para a palavra “religião”. Essa definição tende a vinculá-la à vida privada e, para esse pensamento, a religião passou a ser uma questão restrita à esfera da intimidade humana.

No contexto de embates entre a filosofia iluminista e a Igreja Católica, havia, entre outras questões, a crítica ao papel público da religião; a tendência era limitar seu poder e negar sua contribuição para a verdade do público. Seus concorrentes na esfera pública incluíam não apenas o nacionalismo e o capitalismo, mas também novos entendimentos sobre o universo, a humanidade, a história e a sociedade, que estavam intimamente associados com várias disciplinas acadêmicas.

Esse pensamento, de acordo com o autor, construiu uma concepção limitada de religião e, dessa forma, não poderia fazer justiça à Teologia enquanto forma de produzir conceitos e significados de mundo.



A Ciência da Religião, por sua vez, compreende suas origens leigas e sua prática em universidades europeias e estadunidenses. Essas práticas envolvem autonomia e liberdade de pensamento acadêmico na produção das pesquisas e estudos religiosos, principalmente pelo fato de tal produção não ter responsabilidade perante as autoridades religiosas. Sendo assim, sua separação da Teologia passa, a princípio, por um viés político.

Academicamente, a questão-chave do conhecimento produzido em Ciência da Religião está na interdisciplinaridade. Sua produção, desde o início, está vinculada a disciplinas cujas preocupação e foco de pensamento encontram-se em outros âmbitos da vida social. Além disso, esses estudos se “apropriaram” dos métodos dessas outras disciplinas.

Por isso, a preocupação desses estudos em religião centrou-se em questões como a essência e a origem da religião, a descrição e função da religião, a língua da religião e da comparação das religiões. Por meio da interdisciplinaridade, eles lidam com essas questões sob o filtro de disciplinas como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a fenomenologia e antropologia. De acordo com Ford (2005), existem ainda aqueles que defendem a integração entre Teologia e Ciência da Religião, mas raramente sugerem uma combinação institucional entre elas.

Nessa proposição, há o reconhecimento de que as comunidades religiosas procuram possuir suas próprias instituições acadêmicas em que a Teologia confessional (ou seus análogos) seria a norma. Por outro lado, muitas universidades procuram especializar-se em seus estudos religiosos de maneira interdisciplinar, utilizando-se de disciplinas como a sociologia, a antropologia ou a fenomenologia, assim como excluir a Teologia, bem como algumas outras disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno religioso transita por todos os campos sociais, aponta e se reflete nas variadas formas do conhecimento humano. Assim, como vimos, o pesquisador deve buscar, junto à Ciência da Religião, auxílio em outras disciplinas, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Teologia etc., a fim de formar-se integralmente, bem como compreender a realidade circundante.

Se, por um lado, temos a reivindicação de uma nova Teologia Universal, que seja acessível a qualquer pessoa, por outro lado temos a Ciência da Religião respondendo na mesma altura com maior neutralidade acadêmica e científica.

Como vimos na apresentação, a distinção entre Ciência da Religião e Teologia não está no objeto de estudo, mas na maneira de abordá-lo. Resumidamente, podemos concluir que os teólogos são religiosos especialistas, enquanto os cientistas da religião são especialistas em religião. Essa diferença diz respeito a pontos essenciais.

Podemos ainda apontar que tanto a Teologia quanto a Ciência da Religião possuem, no mundo acadêmico, uma função em comum, a de *regulador crítico*. Quem sabe esse seja um outro propósito explicativo comum entre essas disciplinas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALLES, G. **The study of religions: the last 50 years**. Londres: Roudedge, 2008.

AZEVEDO, G. X. Diferenciando Ciências da Religião e Teologia sob o prisma da Teologia reformada. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**, ano VI, n. 29, 2010.

CRUZ, E. Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CRUZ, E.; DE MORI, G. (Orgs.). **Teologia e Ciências da Religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil**. São Paulo: PUCMinas/Anptecre/Paulinas, 2011.

DIERKEN, J. Teologia, ciência da religião e filosofia da religião: definindo suas relações. **Veritas**, Porto Alegre, n. 1, jan./mar. 2009.

DREHER, L. H. Diálogos e reflexões: teologia e ciência da religião no Brasil. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 26, set.-dez. 2011.

FILORAMO, G.; PRANDI, C. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FORD, D. F. **Routledge Companion to the Study of Religion**. Blackwell: Oxford, 2005.

GISEL, P. **La théologie face aux sciences religieuses**. Genève: Labor et Fides, 1999.



GRESCHAT, H. J. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HIGUET, E. A. A Teologia em programas de Ciências da Religião. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 9, maio de 2006.

HOCK, K. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

JUNQUEIRA, S. A.; SILVA, B. A. Os limites de uma teologia pública e suas implicações na caracterização da profissão do teólogo. **Caderno Teológico da PUCPR**, Curitiba, v.2, n.2, p.71-80, 2014.

LACOSTE, J. Y. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

MENDONÇA, A. G. Ciências da Religião: de que mesmo estamos falando? **Revista Ciências da Religião: História e Sociedade** (Universidade Presbiteriana Mackenzie), ano 2. n. 02, p. 17-34, 2004.

NEUTZLING, I. (Org.). **A teologia na universidade contemporânea**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

SCHULTZ, A. O (irrenunciável) papel da teologia nos estudos de religião. **Perspectiva teológica**. v. 39, n. 108, 2007.

SINNER, R. V. Teologia pública no Brasil: um primeiro balanço. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 44, n. 122, p. 11-28, Jan/Abr 2012.

SOARES, A. L. Um exemplo de presença universitária: a Teologia em diálogo com a Ciência da Religião. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano IV**, n. 15, 2008.

PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

TEIXEIRA, F. A(s) **Ciência (s) da Religião no Brasil. Afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

USARSKI, F. (Org.). **O Espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.